

PAULO GUEDES

Sinal de barbárie

É revoltante a derrubada de um avião comercial com quase 300 inocentes passageiros por uma bateria de mísseis antiaéreos. A Ucrânia diz ter "provas irrefutáveis" da (ir)responsabilidade russa no que teria sido um acidente por incompetência na identificação do alvo. O financiamento do sistema de mísseis guiados por radar, o treinamento dos separatistas e mesmo a operação dos mísseis para derrubar

alvos militares ucranianos de transporte de tropas e de cargas tornaram a Rússia suspeita de um crime contra a humanidade.

A busca de "espaço vital" por Vladimir Putin e sua crescente popularidade entre os russos estariam se tornando uma ameaça à paz mundial. Mas não creio que o trágico episódio possa deflagrar uma escalada rumo ao conflito global, como ocorreu há cem anos, quando em 28 de junho de 1914 o nacionalista sérvio Gavrilo Princip assassinou o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do Império Austro-Húngaro, disparando a I Guerra Mundial. "Eu sabia que tinha de protestar, por mais fútil que pudesse parecer o meu protesto, para honrar o melhor da natureza humana", refletia Bertrand Russell sobre "a guerra que supostamente seria a última

da História". "Para terminar com todas as guerras" (2012), como descreve Adam Hochschild.

Mas Russell protestou em vão. "Essa grande onda que se quebrou sobre a humanidade tão subitamente e com tanta violência, em meio à espuma na superfície, trouxe das profundezas a escuridão e o inconsciente dos mais primitivos instintos do animal humano, o que Freud descreveu como uma rejeição à civilização e o mer-

gulho nas sanguíneas origens da humanidade" registrava Stefan Zweig, em "O mundo que eu vi" (1942).

A Rússia tem profundas raízes na Ucrânia. "A história russa começa com a unidade política 'Rus de Kiev'. Rus era o nome que os habitantes davam a si mesmos e a sua terra, e Kiev era sua capital", registra o historiador Paul Bushkovitch. Novgorod, Moscou e os mongóis vieram depois. Para Putin, a Ucrânia é parte da Rússia. Mas os ucranianos querem a democracia, a economia de mercado e o euro. Querem se integrar à Europa, rumo à Grande Sociedade Aberta. Estamos diante de mais um choque entre primitivas paixões nacionalistas e o sonho da fraternidade universal em um mundo sem fronteiras. ●

Para Putin, a Ucrânia é parte da Rússia. Mas os ucranianos querem se integrar à Europa, com democracia, economia de mercado e o euro

Combate à desigualdade pela raiz

BEATRIZ CARDOSO

Cotidianamente, todos nós nos deparamos com o passivo que nosso sistema educacional gera ano a ano. Por mais confortável e estruturada que esteja nossa vida e por melhor que tenha sido a nossa formação e a de nossos filhos, a lacuna que o sistema gera para um contingente tão grande de brasileiros impacta a qualidade de vida, o dia a dia de todos nós.

Ultimamente, queixas sobre o que não funciona em nosso país estão na ordem do dia; ao contrário dos comentários dos viajantes, que encantados se surpreendem de como lá fora as coisas dão certo. Essa sensação, que se manifesta em pequenos detalhes, pode ter relação com muitas dimensões (históricas, culturais) e, entre elas, com o investimento feito nos cidadãos desde muito cedo.

Quanto à educação formal, pode-se dizer que tal investimento não começa apenas nos ensinamentos fundamental e médio: se dá a partir da educação infantil. Sabe-se que os investimentos, ainda na primeira infância, não só reduzem a desigualdade, mas também produzem ganhos tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. No entanto, a urgência frente ao "apagão de mão de obra" tem gerado uma pressão por investimento no ensino médio. A questão de fundo, porém, continua sendo: por que algumas crianças vão tão longe e outras ficam condenadas aos limites de sua inserção social?

A falta de condições necessárias para desenvolver seu potencial acaba impedindo a mobilidade de um enorme contingente de crianças e jovens. Isso pode ser causado por inúmeros fatores sociais, econômicos, culturais, familiares. No entanto, entre eles, é possível destacar a quantidade e qualidade dos estímulos e informações aos quais os indivíduos são submetidos desde pequenos.

Tal constatação pode parecer simples, e a resposta imediata a esse problema seria, então, ampliar o nível de exposição de todos à informação e a práticas culturais qualificadas. Sem dúvida, isso é parte da solução, mas, infelizmente, não é suficiente. Para além do contato com a informação, são necessárias interações que promovam o desenvolvimento de capacidades que levem os sujeitos a ultrapassar o mero consumo de conhecimentos. Trata-se, portanto, de colocar a ênfase no processamento e na produção de ideias, reflexões e respostas. E isso se dá por meio da interação com os adultos e com os objetos de conhecimento. A diferença vai se estabelecendo na qualidade da interação cotidiana e na forma de estimular e acreditar na capacidade daquele pequeno ser.

Para exemplificar a sofisticação do processo de aquisição de conhecimento, tomemos por base o aprendizado de outra língua. Depois de certo investimento para entrar em um novo uni-



verso linguístico, é comum sermos capazes de ler e compreender muito mais do que de falar ou escrever. Mesmo assim, na hora de tentarmos nos expressar, de produzirmos algo naquela língua, quem já não viveu a sensação de incapacidade? Esse exemplo é elucidativo do que ocorre com as crianças em seu processo de desenvolvimento linguístico. É aí que mora a diferença: a aprendizagem é resultante da frequência com que são convidadas a gerar respostas próprias, desde muito pequenas, a partir das informações e situações de uso dos conhecimentos em que são inseridas. E é neste terreno que a desigualdade vai se consolidando. O sistema educacional pode propiciar uma apropriação significativa do conhecimento ou pode, na mesma medida, deixar de fazê-lo.

Atualmente, muitas crianças brasileiras já têm acesso a livros, bibliotecas, laptops, celulares, etc. Entretanto, as práticas dos atores que mediam o acesso a essas "tecnologias" são muito diversificadas. E é nesse espaço invisível que se configuram a marginalização e as diferenças na qualidade do relacionamento que as crianças têm com a cultura letrada. Um educador que utiliza estruturas mais sofisticadas da língua para se comunicar com seus alunos, ainda que bem pequenos, e propõe atividades que os incentivem a aprender sobre e a partir da língua-

gem, oferecerá um contexto favorável ao desenvolvimento de habilidades e conhecimentos que amplifiquem seu potencial cognitivo. Em contrapartida, alunos expostos a práticas mais mecânicas, transmissivas, podem continuar limitados ao consumo do conhecimento.

A educação pode e deve promover o desenvolvimento pessoal e a inserção social, especialmente em um país com tantas desigualdades como o Brasil. É necessário entender que o acesso à informação não é suficiente para transformar a nossa realidade e que é na composição de inúmeros microaprendizados cotidianos que se cria a oportunidade de desenvolvimento cognitivo. O processo de aprendizagem é cultural e precisa de mediação qualificada desde muito cedo. Portanto, para além da urgência de fazer frente ao "apagão da mão de obra", é necessário investir na produção de conhecimentos no campo da linguagem e nos saberes específicos que se dão na interface entre os domínios teórico e prático. Precisamos subsidiar os professores que atendem à primeira infância, a fim de que todas as crianças brasileiras, desde muito cedo, possam participar regularmente de situações produtivas de aprendizagem. ●

Beatriz Cardoso é diretora executiva do Laboratório de Educação

O efeito Brics

PAULO ESTEVES

Para a política internacional, a criação do Brics foi, provavelmente, a grande novidade da primeira década do século XXI. De fato, foi com o surgimento do grupo que compreendemos que o mundo havia mudado. Mais que isso, o Brics se apresentava como um dos instrumentos da mudança e apontava seu sentido: a ordem internacional, que tinha como centro os Estados Unidos da América e o eixo de poder transatlântico, ganhava novos polos e eixos de poder. O que podemos chamar de "efeito Brics" é exatamente o descentramento da ordem internacional ou o esvaziamento do seu centro hegemônico.

Bem entendido: o grupo não é um agrupamento de economias emergentes que devem se ajustar a uma ordem internacional já estabelecida. Ao contrário, o agrupamento nasce reivindicando a reforma das Instituições Financeiras Internacionais (IFIs) e dos mecanismos de governança global. A agenda não deixa espaço para dúvidas. As instituições internacionais criadas sob a hegemonia americana não representam os polos emergentes de poder e tampouco seus modelos de desenvolvimento. Reforma é a palavra de ordem de um grupo que, desde seu

nascimento, tem o poder inscrito em seu DNA. Contudo, cabem as perguntas: é o Brics um centro alternativo de poder ou uma força disruptiva da ordem internacional? Será o grupo capaz de contribuir para a construção de uma ordem internacional significativamente diferente?

Grupo não é um ajuntamento de economias emergentes que devem se ajustar a uma ordem já estabelecida. Ao contrário, nasce reivindicando a reforma das instituições financeiras

O lançamento do Banco do Brics (ou Novo Banco de Desenvolvimento — NBD) e do Acorde Contingente de Reservas deve ser entendido sob essa perspectiva. Em primeiro lugar, assinala a consolidação do agrupamento após uma primeira rodada de reuniões de cúpula, que teve início em 2009. Em segundo, é uma reação às dificuldades encontradas nos processos de reforma das IFIs, paralisados em razão da oposição do Congresso americano. Em terceiro lugar, assinala a possibilidade de fomento de modelos de desenvolvimento distintos daqueles difundidos pelo Banco Mundial ou pelos chamados do-

adores tradicionais. Nesse sentido, ao propor um novo eixo de financiamento do desenvolvimento, o NBD é resultado dessa força desestruturadora do Brics na política internacional.

Essa terceira dimensão desperta, contudo, sérias dúvidas. Qual é a agenda de desenvolvimento do Brics? Quais são as diferenças entre essa agenda e aquela do Banco Mundial ou dos doadores tradicionais? Como serão tratados problemas clássicos do desenvolvimento internacional, como meio ambiente, inclusão social, desigualdades, direitos humanos, gênero e assim por diante? Essas dúvidas apontam para a inexistência de consenso entre os países do grupo acerca de pontos centrais da agenda de desenvolvimento. Mas apontam também para a dificuldade de transformar o Brics em um centro a partir do qual a agenda de desenvolvimento possa ser articulada. Para além do debate acerca das estruturas de governança do banco, da composição do seu capital, da localização de sua sede ou da indicação de sua presidência (de grande relevância), resta saber o que o Novo Banco de Desenvolvimento entende por desenvolvimento. ●

Paulo Esteves é professor do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio e supervisor geral do Brics Policy Center

Brasil em primeiro

TANIA ZAGURY

É verdade, ficamos em primeiro, mas não na Copa! Estou me referindo ao estudo que a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico divulgou no qual ocupamos o primeiro em bagunça na sala de aula. Somos o país cujos professores mais perdem tempo para combater a indisciplina (20% do tempo, mais 12,2% em tarefas como fazer a chamada, e somente 67% em atividades pedagógicas).

Diante do quadro, sobram especulações. Segundo alguns, falta ao docente domínio de classe; outros apontam a tecnologia como solução; há os que afirmam que as aulas são desmotivadoras e a bagunça, mera consequência. Preocupam-me afirmativas que culpam o professor — e param aí. Porque o problema é mais complexo e se agrava ano a ano. Professor apanhar de aluno ou ser xingado já é corriqueiro. E, sim, alguns docentes erram — afinal ninguém é perfeito.

Não nego que todas as hipóteses acima estejam corretas. Não atacam, porém, a raiz do problema. Estudo que empreendi em 2006, com cerca de dois mil docentes, mostrou que, de norte a sul do país, professores consideram a indisciplina e a falta de respeito dos alunos o seu mais grave problema. E sinto dizer: boa parte disso se origina na família e, claro, pode se agravar se a escola não for de qualidade. Verdade é que boa parte dos pais deixou de lado o que tão bem fazia: a socialização primária, que nada mais é do que ensinar limites, respeito a colegas e auto-

Somos o país que mais perde tempo para combater a indisciplina de alunos

ridades — enfim, as bases da boa educação. O que faz muita diferença. E era o que permitia aos docentes iniciar a aula tão logo entrassem em sala. Hoje demanda meses para que alcancem a situação de

aprendizagem — um conjunto de condições que têm que estar presentes no ambiente para propiciar concentração e foco, essenciais no processo de aprender.

Turmas muito indisciplinadas tornam impossível até mesmo escutar o que o professor diz, quanto mais se concentrar! Aprender assim é loteria. Claro, o professor tem ação preponderante no processo. Mas, na sala de aula que se rege pelo descompromisso, cadeiras e bolinhas voam! Além disso, há toda uma situação dita "politicamente correta" que inibe que se faça qualquer sanção a alunos recalcitrantes. A situação beira o insolúvel. Contribui bastante para o caos a postura de alguns pais que ameaçam trocar de escola quando contrariados ou "denunciar à imprensa" quem puniu o seu anjinho... Tudo isso levou os alunos à percepção de que podem fazer tudo que quiserem que nada lhes acontecerá. E podem mesmo, em muitos casos.

A escola tornou-se refém dos que insistem em torpedear a própria aprendizagem — e acabam prejudicando a todos. Então, antes de comprar tablets, é preciso garantir espaço mínimo de autoridade pedagógica ao gestor e sua equipe, sem o que é impossível propiciar qualidade. Claro, o professor pode e deve dar aulas modernas e usar meios que ajudem a motivar. Mas é importante saber que, se seis em cada 30 alunos não querem fazer nada a não ser pular e cutucar colegas, e se o professor não tem meios para impedi-los, acabam tomando impossível aos demais até mesmo... ligar o tablet! E aí, aprender o quê? E ensinar como? ●

Tania Zagury é filósofa e professora da UFRJ